



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**FACULDADE DE LETRAS**

Olhar atento sobre o protagonismo feminino no Cordel Brasileiro  
Contemporâneo: por que é importante?

Thais Trindade de Araujo

Rio de Janeiro

2022

THAIS TRINDADE DE ARAUJO

Olhar atento sobre o protagonismo feminino no Cordel  
Brasileiro Contemporâneo: por que é importante?

Monografia submetida à Faculdade de Letras  
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Licenciado em Letras na habilitação  
Português/ Literaturas.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Anélia Montechiari Pietrani

RIO DE JANEIRO  
2022

**SUMÁRIO**

Introdução .....	4
1 - A representação da mulher na literatura e no cordel .....	5
2 - O cordel na contemporaneidade .....	6
2.1 Autoria feminina no cordel .....	6
2.2 Autoria feminina: temáticas abordadas.....	8
2.3 O corpo do cordel contemporâneo de autoria feminina.....	10
2.3.1 Jarid Arraes .....	10
2.3.2 Dalinha Catunda .....	11
2.3.3 Auritha Tabajara .....	14
3 - Representação da mulher no cordel de autoria masculina .....	16
3.1 A mulher no cordel em 2020: o que mudou em dez anos? .....	17
4 - Olhar sobre a representatividade feminina no cordel: por que é importante? .....	19
Conclusão.....	22

## **RESUMO**

Análise literária de personagens femininos em cordel e suas diferenças diante de autores homens e mulheres. O presente trabalho tem como objetivo constatar a importância da produção literária de cordel de autoria feminina para mulheres, visto que uma nova perspectiva do universo feminino pode transcender a literatura e motivá-las a ocupar outros papéis em uma sociedade machista. Para isto, serão analisados cordéis de autoria feminina e masculina contemporâneos, suas imagens, formas e adaptações para o século XXI.

## **Introdução**

Os movimentos feministas discutem, entre outras pautas, a posição da mulher em diferentes setores da sociedade. Nos estudos literários, o olhar se debruça na figura feminina nas obras, a importância que ocupam dentro da estrutura narrativa, o protagonismo e, enriquecem a crítica aos estereótipos que foram reproduzidos ao longo dos séculos.

A partir de uma perspectiva indagadora, surgiram questionamentos do quanto a experiência feminina em sociedade poderia influenciar os textos literários escritos por mulheres. Por estas razões, pesquisadoras exploram obras de autoria feminina, observando os traços de escrita, a confecção de personagens, suas perspectivas e cenários.

Os estudos abrangeram o cordel, tema central deste trabalho, e seus apontamentos se tornam ainda mais fecundos, já que a literatura de cordel é um espaço marcado pelo machismo, tanto em sua autoria, majoritariamente masculina, quanto no próprio universo conhecido.

A partir da pesquisa sobre o material produzido, o objetivo deste trabalho é analisar cordéis de autoria feminina escritos na contemporaneidade, quais elementos os diferem de um cordel tradicional e ainda, quais impactos podem causar às leitoras.

Além disso, o trabalho tem o objetivo de promover a discussão da importância de levar cordéis de autoria feminina e debater, dentro de sala de aula, as questões que suscitam destas obras. Com isso, espera-se que cada vez a literatura de cordel de autoria feminina tenha visibilidade, e que seu conteúdo encoraje mulheres a ocuparem os espaços que querem e não os que lhe impõem, seja ou não na literatura.

## 1 – A representação da mulher na literatura e no cordel

A representação da mulher na literatura foi marcada (e ainda é) pela sua ocupação em espaços em que surgem como personagens secundários dentro das narrativas majoritariamente escrita por homens. Desde a antiguidade, a figura feminina aparece como objeto que impulsiona a arte, como as Musas, que cantavam para os poetas, davam a eles a inspiração necessária para que entoasse a arte e a concretizasse no mundo. A partir desse ponto inicial, nota-se que, desde o nascimento da arte ocidental, foi vetada à mulher a possibilidade de escrever o mundo sob a sua perspectiva.

Nesta posição, a arte e a literatura na Grécia Antiga chegam a seu destinatário, impregnadas com as emoções, concepções e adversidades vividas pelos heróis gregos, onde o amor verdadeiro só era possível entre homens. Mulheres iniciavam guerras pela sua beleza, devido à passionalidade. Entretanto, sendo musas, deusas ou mortais, ao feminino era destinada as grandes emoções: o ódio, o desejo, a intriga, além de vetada seu protagonismo, eram representadas como seres incapazes de raciocínio lógico e presas em papéis coadjuvantes.

O mundo sofreu transformações, a arte se metamorfoseou em outras versões. Agora, as cantigas, sob outras regras, contavam as histórias para o povo. Mas, mesmo que a forma de narrar tenha mudado, ainda não era possível ouvir a voz das mulheres, suas angústias e dores. A elas eram destinadas a emulação feita por homens, nas Cantigas de Amigo, em que roubavam sua imagem para cantar sobre o amor.

Todavia, a literatura oral foi perdendo cada vez mais espaço com a invenção da imprensa no século XV, já que escritores passaram a registrar em papel histórias, pensamentos e ideais, transformando-os em livros, eternizando assim e passando a futuras gerações marcas de uma época. Mas, mesmo que a disseminação da arte escrita tenha sido de certa forma democratizada, este fato não modificou a realidade da mulher, que até o século XIX não era incentivada à leitura.

O ato de saber ler para mulheres não foi bem-visto durante décadas, já que outras qualidades eram mais bem apreciadas na sociedade patriarcal, como a culinária, música, pintura e canto, por exemplo. Apesar disso, mulheres das classes sociais mais elevadas tinham acesso aos mais variados livros e conhecimento.

Esposas, irmãs, mães... essas figuras ocupavam estes papéis, mas muitas delas não se limitavam aos assuntos domésticos. Produziam arte e literatura em conjunto ou até mesmo, no lugar de homens com que tinham uma relação familiar. Então, se essas mulheres faziam parte, mesmo que clandestinamente, do consumo e produção da arte literária, qual seria a razão de não surgirem como grandes nomes na literatura?

## 2 - O cordel na contemporaneidade

O cordel era muito mais do que uma forma de entretenimento para seus ouvintes e leitores. Foi e é influenciado pelas marcas do seu tempo, deixando em rimas e versos, acontecimentos, costumes e pensamentos que faziam parte da comunidade e época ao qual o autor estava inserido. O cordel também levava para o povo informações e notícias, deixando de ter um caráter puramente literário, se desdobrando em um formato versátil. Não à toa que como abordado anteriormente, o cordel sobreviveu e sobrevive se adaptando aos novos formatos que surgiram ao longo dos anos.

Mas o folheto não é apenas uma literatura que se adaptou à contemporaneidade pela relevância cultural. Desde o início de sua produção impressa, os poetas tinham como objetivo a venda de seus escritos, pois era através dessas vendas que conseguiam renda para o sustento de sua família. Por esta razão, a urgência em produzir um cordel que ainda fosse atrativo aos leitores é, antes de tudo, uma necessidade de sobrevivência.

A necessidade de sobrevivência do cordel certamente foi uma das razões que fizeram os cordelistas contemporâneos criarem cordéis que não seguiam totalmente o padrão tradicional. Essa ruptura com o cordel canônico foi criticada por cordelistas tradicionais, que não viam estas produções como “cordéis autênticos” e defendiam uma certa “pureza” no cordel.

Entretanto, tais argumentos não se sustentam, visto que o cordel, oriundo de uma cultura puramente oral, e que utilizava da métrica para trazer sonoridade e melodia às estrofes, facilitando assim sua memorização, hoje não se distanciou dessa forma fixa, mas ganhou novos ramos. Os folhetos impressos, que antes eram acompanhados de xilogravuras, só estão disponíveis para vendas em pontos turísticos ou em instituições que têm como objetivo manter a memória e enfatizar a importância de divulgação e consumo desse tipo de literatura. O meio mais moderno para ter acesso à produção contemporânea do cordel, é através da sua divulgação na internet. Além desse espaço, é possível encontrá-lo em volumes produzidos por editoras. Dessa forma, o cordel se mantém vivo, em sua estrutura marcada, mas, agora, disponível em telas de vidro e de papel.

### 2.1 Autoria feminina no Cordel

A Literatura de Cordel, assim como no restante do cenário de produção artística e intelectual, tem sua produção majoritariamente masculina. Os enredos utilizados pelos cordelistas, são os que trazem heróis que lutam pelo bem do seu povo, a relação do homem com a terra, as conquistas e mudanças do mundo. Mas quando analisamos as páginas do cordel e seus personagens femininos, as mulheres eram representadas como figuras que orbitavam no espaço doméstico, sendo responsáveis pela criação dos filhos e marido, dotadas de um manto romantizado e sempre vivendo

sob leis masculinas, sendo estes indivíduos maridos, irmãos ou pai. Além disso, sempre estão em uma posição passiva dentro das narrativas, não sendo responsáveis pelas ações e grandes feitos cantados no cordel.

Como podemos ver, as mulheres não possuíam papéis ativos nas obras enquanto personagens e no meio da produção de cordel não era diferente da realidade. Na distribuição e divulgação dos trabalhos, que se propagaram principalmente no Nordeste, as mulheres não participavam abertamente, além disso, enquanto autoras assinavam seus escritos, já que o ato de escrita da mulher era mal visto na sociedade.

Outro ponto que dificultava a participação de mulheres no cordel era que sua divulgação acontecia através da leitura oral, contada para o povo e, para isso, era necessário se deslocar entre as cidades, frequentar espaços como a tipografia, lugares em que mulheres eram proibidas de entrarem sozinhas.

Segundo Miriam Carla, em *Cordel de Saia: autoria feminina no cordel contemporâneo*, a representação da mulher no cordel reflete o lugar que mulheres ocupavam, um lugar enfatizado e propagado pela perspectiva do domínio masculino:

o imaginário cultural foi bastante caracterizado pelo modelo de uma mulher confinada no ambiente doméstico e destinada apenas a gestar, amamentar, educar os filhos e cuidar da casa, enquanto ao homem cabia estar inserido na vida pública e no âmbito da produção intelectual e artística (MELO, 2016, p. 31).

Apesar de seu apagamento, a produção literária feminina resistiu e foi timidamente difundida oralmente desde o século XIX. Uma das contadoras que ganhou maior destaque de sua época foi Maria do Riachão, que mostrava grande habilidade e rapidez na confecção de seus versos.

Apesar de obter certa notoriedade, o cordel de autoria feminina não adentrava e circulava os mesmos espaços que os tradicionais. Essa resistência em receber a produção de autoria feminina perdurou muitas décadas, e, ainda hoje, apesar dos avanços realizados por autoras e estudiosos literários, é necessário discutir sobre o espaço que essa literatura ocupa.

Uma das evidências dessa dificuldade de circulação da literatura de cordel de autoria feminina é que, no ano de 2008, a Academia Brasileira de Cordel, em parceria com a Petrobrás, produziu uma coletânea com o objetivo de exaltar os melhores autores do Cordel. Dentre os 41 poetas escolhidos, nenhum era de autoria feminina, todos estes produzidos entre os séculos XIX e século XX. Mas, apesar dos percalços e barreiras encontradas, a internet é um meio fecundo para cordelistas mulheres publicarem e divulgarem seus versos.



Um dos locais da WEB que mais se destaca é o *Cordel de Saia*, blog criado por Dalinha Catunda, poeta cordelista e membro da Academia Brasileira de Cordel. É um espaço que divulga cordéis de autoria feminina, trabalhos acadêmicos e promove discussões sobre o mundo do cordel e inclui a mulher como tema principal dos seus assuntos.

Dessa forma, vemos a acessibilidade e a facilidade de divulgação dos cordéis de autoria feminina, no mundo contemporâneo, faltando apenas que o olhar do leitor de cordel se volte para a produção de autoria feminina desnudo de uma ideia canônica (que exclui a mulher) que já não cabe mais nos contextos atuais.

## **2.2 Autoria feminina: temáticas abordadas**

Já discutimos neste trabalho sobre as formas que os autores de cordel utilizaram para se adaptarem aos novos modelos de leitura e de leitores. Mas a mudança não ocorreu apenas em sua distribuição e forma estética. A pluralidade de vozes femininas no cordel modificou a forma de representação dos personagens em suas narrativas. Temáticas ligadas aos marginalizados, como a própria mulher, o negro, os LGBTQI+, entre outras ligados à identidade foram e são catalizadores para o redescobrimto de personagens femininos antes esquecidos da história e dão corpo a essas mulheres em formas de cordel.

O livro *Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis* de Jarid Arraes apresenta ao público a figura de quinze mulheres negras que existiram ou fizeram parte do imaginário brasileiro em diferentes épocas. De acordo com a autora, no texto presente na orelha do livro, publicado pela editora Pólen em 2017, o objetivo de produzir os cordéis surgiu de um incômodo: a ausência de referência de nomes de mulheres negras no cenário intelectual, artístico e social ao longo dos séculos.

A partir da perspectiva de que essas figuras existiram e que foram excluídas de estudos que discutiam a relevância de produções culturais e sociais, a escritora Jarid Arraes pesquisou essas mulheres e transformou suas histórias em cordéis. A autora utilizou a estrutura do cordel tradicional, mas ressignificou a temática. Além de transformar figuras como Maria Carolina de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Dandara dos Palmares em personagens de seus cordéis, elas ocupam a posição de protagonistas e heroínas das narrativas.

A produção de Jarrid Arraes traz uma temática que foi amplamente utilizada no cordel tradicional, as narrativas heroicas, que cantavam grandes feitos de homens pelo seu povo. Entretanto, ao invés de apresentar personagens femininas secundários, incapazes de grandes feitos, sempre ofuscadas por homens e impregnadas com subjetividade, Arraes narra suas personagens como protagonistas e agentes da ação.

O conjunto de cordéis foi amplamente utilizado em sala de aula, pois apresentava para os estudantes uma nova perspectiva de figuras históricas. Além do caráter informativo, era possível explorar a própria estrutura marcada do cordel, sua variação de formato, xilogravuras e ressaltar toda importância desse tipo de literatura.

Além disso, a obra apresenta a questão da identidade negra, concretizada pela própria escolha das figuras transformadas em cordéis, mas Arraes aborda muitos outros assuntos, entregando aos leitores histórias que inspiram admiração e reflexão.

De modo geral, como já apontado por Fanka Santos (2011) há um movimento de produção de literatura identitária, sendo publicada e divulgada. Além da identidade negra, a reivindicação e afirmação da identidade indígena tem ganhado abertura e forma na produção de cordéis de autoria feminina.

Auritha Tabajara é uma escritora, cordelista e contadora de histórias indígena, nascida no Ceará. É a primeira mulher indígena a publicar um livro de cordéis. Em seu livro, *Coração na Aldeia, Pés no Mundo*, (U'KA, 2018), a escritora narra em cordel, a trajetória da sua vida: A saída da aldeia em direção à cidade, o amadurecimento precoce, a condição de análoga à escravidão, a volta para tribo, o casamento, filhos, separação e a descoberta da sua homossexualidade. O livro de cordéis é acompanhado de xilogravuras, que narram visualmente o medo, angústia, amor e força dessa figura que conta sua própria história.

Além de Arraes e Tabajara, outra cordelista que aborda o tema da origem, mais especificamente a nordestina e que ocupa a cadeira 25 da Academia Brasileira do Cordel, é Dalinha Catunda. Oriunda também do Ceará, a escritora utiliza o espaço da internet para divulgar seus trabalhos, principalmente em seu blog, intitulado *Cordel de Saia* que mantém sempre atualizado. Neste espaço contém trabalhos solos e parcerias com outros autores e autoras de cordel. Dalinha Catunda aborda em seus textos o ofício de cordelista, as paisagens do sertão e principalmente, a vivência de ser mulher. Muitas vezes utiliza o humor e os trocadilhos, dando um toque de comicidade nos seus escritos.

A origem nordestina, as questões raciais, o lugar da mulher cordelista em meio à tradição são temas bastante discutidos nos cordéis destas autoras. Mas um ponto a ser levado em consideração é que as três cordelistas têm em comum a ânsia de expressar suas experiências e/ou resgatar a experiência de outras mulheres, cuja trajetória foi apagada. A contemporaneidade de seus escritos consiste não apenas na insistência e luta em ocupar os espaços na produção do cordel, mas também nas discussões que emergem a partir deles. Isto é, além de trazer todas as características do cordel (a estrutura, o imaginário, a imagem), também apresenta uma peculiaridade de propiciar um olhar crítico às formas de dominação social aos marginalizados.

Segundo a pesquisadora e cordelista Fanka Santos, em uma entrevista dada à Tv Senado, em 2011, não há unicidade entre os autores de cordel contemporâneo, já que muitos se mantêm dentro da tradição, repetindo um discurso pré-existente, assim como o imaginário e as temáticas que se generalizaram.

Por outro lado, existe uma ruptura com essas mesmas temáticas, que são muito mais reflexivas. Dessa forma, há dois movimentos dentro do contexto de produção de cordel de autoria femininas: há as cordelistas que dialogam com a tradição e as que rompem com a tradição. Como podemos notar, as temáticas abordadas são diversas, podendo ter sido tratadas anteriormente em cordéis ou trazendo um tom questionador e repleto de criticidade nas novas produções. De qualquer forma, o que encontramos nestas produções é intrinsecamente contemporâneo: a pluralidade de vozes.

## **2.3 O corpo do cordel contemporâneo de autoria feminina**

### **2.3.1 Jarid Arraes**

No tópico anterior, discutimos as temáticas abordadas no cordel contemporâneo de autoria feminina. Aqui, iremos corporificar essas temáticas, além de explorarmos os cordéis em suas diversas nuances. Como já apresentado neste trabalho, uma das principais características do cordel contemporâneo de autoria feminina é a mudança de perspectiva.

Nesse contexto, significa que a produção do cordel de autoria feminina, nesses casos abordados aqui, são influenciados diretamente pelas experiências vividas pelas autoras, ou ainda, com o intuito de valorizar histórias de mulheres com as quais se identificam. As mulheres que são personagens desses cordéis, passam a ocupar o lugar de protagonistas e de voz ativa frente às problemáticas abordadas.

Um cordel que traz a temática de mulheres negras e heroísmo, presente no livro *Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis*, de Jarid Arraes, é o intitulado Maria Firmina dos Reis. Nesses versos, Arraes narra a trajetória de vida da autora. Em um resgate da tradição oral e ancestralidade, Arraes conta a relevância social, literária e o impacto das ações de Maria Firmina dos Reis, primeira romancista brasileira, que foi ignorada durante décadas, por ser mulher e negra:

Maria Firmina dos Reis  
De mulata foi chamada  
Mas renego esse termo  
Pra gente miscigenada  
Reconheço-a como negra  
Sendo assim bem nomeada.  
(ARRAES, 2017, p. 107)

Nestes versos, o sujeito poético expõe o processo de branqueamento da autora, o apagamento da negritude. Além disso, nos dois últimos versos, reafirma a importância de reconhecê-la como negra. Após descrever a sua trajetória até se tornar professora, papel importante que desempenhou em sua cidade, o cordel também retrata sua luta contra a escravidão, sendo a favor do abolicionismo.

Maria Firmina reafirma sua posição, utilizando a literatura como meio de luta contra as opressões sofridas pelos negros:

Uma forma que encontrou  
Pra política exercer  
Foi na arte literária  
Que ela veio a escrever  
Contos, livros, poesia  
Tudo pronto pra se ler.  
(ARRAES, 2017, p. 108)

Maria Firmina dos Reis explorou estes temas em seu romance intitulado *Úrsula*, assinado em seu nome, em um jornal intitulado *A Moderação*. Este fato é notável, pois não era uma prática comum na época.

O enredo contava com forte crítica à escravidão, com teor abolicionista, trazendo humanização e dando voz a personagens negros livre de estereótipos e homogeneização. O romance é apresentado no cordel de Arraes, reafirmando o pioneirismo da autora na história da literatura brasileira:

Como Úrsula chamou  
Seu romance publicado  
E na História brasileira  
O seu nome está gravado  
Como sendo a pioneira  
Desse estilo já citado.  
(ARRAES, 2017, p. 109)

Os versos de Arraes dão ainda mais visibilidade sobre a história, vida e o fazer poético destas figuras. Entretanto, Arraes apresenta um cordel que não rompe com a tradição, mas acrescenta novas interpretações, concretizando uma poética que se estabelece no entrelugar entre o antigo e o novo.

### 2.3.2 Dalinha Catunda

A memória é o cerne do canto escrito. A sonoridade, o arranjo, a escolha cuidadosa de palavras, tudo construído para reter imagens, histórias e épocas do mundo. Mas não apenas em sua estrutura, o cordel traz a memória como ferramenta para concretizar-se e a utiliza como recurso para sedimentar o seu enredo.

Por isso, o cordel contemporâneo de autoria feminina traz no traço a lembrança da trajetória de outras mulheres, dando vida através de palavras, às figuras que são simbolismo de luta, inteligência e força na luta contra o apagamento e machismo.

Nos escritos de Dalinha Catunda, personagens que inspiraram a literatura surgem, sendo moldadas nos versos em uma cadeia entrelaçada de cantos: foi preciso existirem para serem catalisadoras e impulsionarem Dalinha Catunda a reivindicar seu lugar de escritora.

No cordel intitulado “Cordel de Saia”, homônimo do blog onde a autora divulga cordéis de autoria feminina em que o tema principal são as mulheres, Catunda fala sobre a presença e papel da mulher que escreve cordéis:

A mulher faz diferença  
 No cenário do cordel  
 Conhece bem seu papel  
 E no palco tem presença  
 A musa roga licença  
 Para iniciar seu canto  
 Sabe escrever com encanto  
 Enaltecendo a cultura  
 Ornando a literatura  
 Em todo e qualquer recanto.  
 (CATUNDA, 2020) <sup>1</sup>

Nesta estrofe do cordel de Catunda, a mulher surge como produtora de conhecimento, voz ativa e transformadora no cenário de cordel. A cordelista, ainda, invoca a imagem das musas, que outrora inspiraram homens, mas eram incapazes de concretizar a arte no mundo, e agora, iniciam o seu canto, com emancipação, cantando sua poesia para todos que são capazes de percebê-la e senti-la, recusando o lugar secundário que sempre a elas foi imposto:

Ser cantada ou escrachada  
 Ou ser musa de poeta  
 Da mulher não era a meta  
 Eu não estou enganada  
 Sem se fazer de rogada  
 Ela então se resolveu  
 E seu cordel escreveu  
 Dando fim à tirania  
 Nasceu cordel de Maria  
 Cresceu e sobreviveu.  
 (CATUNDA, 2020)

---

<sup>1</sup> O cordel “Cordel de Saia” só pode ser acessado de forma on-line, através do endereço: <http://cordeldesaia.blogspot.com/2020/08/cordel-de-saia-cordel-de-dalinha-catunda.html>, por esta razão, não há indicação da paginação.

Nesta estrofe criada por Catunda, Maria, um nome muito comum no Nordeste, nos remete à figura de Maria, mãe de Jesus, personagem bíblico. Maria na história bíblica é a mulher perfeita, cujo destino é imposto por uma divindade masculina.

No contexto religioso, é sinônimo de resiliência e fé, mas também teve seu corpo transformado em apenas um caminho, um meio, para que o salvador (Jesus) se tornasse o grande protagonista da história da salvação do mundo. Mas é a pluralidade de Marias que a cordelista Dalinha Catunda apresenta nas estrofes 14 e 15, que ganham características que se distanciam do divino:

Louva a famosa Maria  
 Parceira de Lampião  
 (...)  
 E largou sua moradia  
 Pra viver como queria  
 (...)  
 Louva a mulher aguerrida  
 Que pelo mundo se embrenha  
 Que é Maria da Penha  
 Que não desistiu da vida  
 E disso ninguém duvida  
 (...)  
 (CATUNDA, 2020)

Maria Bonita e Maria da Penha: figuras importantes que são símbolo de determinação e força. Maria Bonita, parceira de Lampião, escolheu o próprio destino ao se juntar ao cangaceiro e se tornar a primeira mulher a integrar o bando. Maria da Penha, que se recusou a aceitar as agressões do companheiro e lutou até o fim pela justiça. As Marias aqui apresentadas ganham contornos humanizados, sendo capazes de expressar vontade, desejo e coragem para conquistar seus objetivos.

Ao final do cordel, a cordelista reafirma a ideia de que a mulher pode e deve ocupar os espaços que deseja, sendo membro da Academia, participando ativamente da produção de conhecimento, assinando seu nome como autora e não aceitando mais ter a sua arte diminuída apenas por ser mulher: “A mulher se mostra plena/Escreve, assume e assina.”.

O cordel de Dalinha Catunda nos conta a história de mulheres que inspiraram o presente, guardando em nossa memória que o mundo é tecido de possibilidades. Possibilidades essas que devem impulsionar a produção de escritos de outras mulheres, para que sejam ouvidas, lidas e que tenham sua importância reconhecida.

### 2.3.3 Auritha Tabajara

O herói na literatura clássica é a figura que sai de sua comunidade em busca de aventuras e volta para seu povo, compartilhando o conhecimento adquirido em sua viagem.

A partir desta perspectiva, a narrativa construída por Auritha Tabajara tece a jornada de si mesma, em um enredo heroico à sua maneira, já que na busca de seus sonhos, experienciou diferentes situações, embarcou em uma trajetória de autoconhecimento e retornou para a tribo. Lá, compartilhou seus aprendizados, transformando-os em histórias que contava para seu povo.

Auritha Tabajara inicia o seu canto, pedindo inspiração à Mãe Natureza, tal qual os poetas se dirigiam às musas:

Peço aqui, Mãe Natureza,  
Que me dê inspiração  
Pra versar essa história  
Com tamanha emoção  
Da princesa do Nordeste,  
Nascida lá no sertão.  
(TABAJARA, 2018, p. 6)

Nesta primeira estrofe, o sujeito poético exprime a conexão e devoção à divindade Natureza, capaz de impulsionar o seu canto. No próximo verso, a voz poética reafirma sua origem nordestina e dá a si mesma o título de nobreza, remetendo às histórias de cavalaria. O que inicialmente poderia causar estranhamento, já que o cenário e personagens escolhidos em enredos de cavalaria não eram paisagens e figuras do nordeste. Na estrofe seguinte, o sujeito poético reafirma o lugar de nobreza: “Quando se fala em princesa/É de reino encantado/Nunca, jamais no nordeste/Ou do Ceará, o estado (...)”. Isto é, ao incluir o Nordeste na paisagem de nobreza, e criar uma protagonista autoficcional, com titularidade nobre, a autora reafirma uma importância antes negada.

Mas o cordel não apenas ganha contornos de histórias cavalaria, pois Tabajara também tece um imaginário em que permite a reflexão sobre o apagamento da cultura indígena, ao contar, nos seus versos, sobre a impossibilidade de ser registrada com o nome escolhido por sua avó:

Mas, para se registrar,  
Seguiu a modernidade  
Com o nome de Francisca,  
Pois, para a sociedade,  
Fêmea tem nome de santa  
Padroeira da cidade.  
(TABAJARA, 2018, p. 9)

O nome de santa escolhido, Francisca, garantiu que a ascendência indígena fosse apagada e em seu lugar, a religiosidade cristã e caucasiana fosse sedimentada.

Além da crítica à impossibilidade de expressar sua ascendência indígena, a escritora versa sobre a descoberta de sua sexualidade e a dificuldade de compartilhar e discutir o assunto com as pessoas em comum convívio, só confiando seu segredo à sua avó:

Auritha tinha um segredo  
Que não podia contar  
Somente pra sua avó  
Se encorajou a falar  
Não gostava de meninos,  
E não sabia lidar.  
(TABAJARA, 2018, p. 27)

Os versos de Auritha Tabajara escrevem uma história autobiográfica, que narra as experiências da autora, com cenários que permitem que os leitores submerjam em sua narrativa, suscitando reflexão e alento para encontrar outras autoras que utilizam suas vivências como combustível para criar literatura.



### 3. Representação da mulher no cordel de autoria masculina

A produção de literatura de autoria feminina está em pauta em diferentes ambientes em que se discute e estuda literatura contemporânea. Como abordamos neste trabalho, os assuntos apresentados nas obras dessas autoras são vastos, mas um ponto que une seus enredos é a criação sob seu ponto de vista e o lugar que seus personagens ocupam.

Com os olhares cada vez mais abertos a esmiuçar esse tipo de literatura uma pergunta recorrente surge: há diferenças concretas entre a literatura de autoria feminina e autoria masculina? A pergunta inicial tange de forma ampla a literatura, mas afinando mais, para os objetos de estudo deste trabalho, iremos tratar mais especificamente do cordel.

No trabalho de Miguel Pereira Barros (2014), o autor discute sobre a representação masculina e feminina no cordel e quais as abordagens os trabalhos acadêmicos seguem ao analisar a produção desses cordéis, publicados em São Paulo. A maior parte dos estudos que se propuseram a analisar a representação feminina dos cordéis mostra que:

as personagens mulheres estão, em sua maioria, relegadas ao papel de submissas e passivas em relação aos homens (SANTOS, 1987; MAXADO, 1994; ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999; FARIAS; SANTOS, 2004; SANTOS, 2006; QUEIROZ, 2006; OLIVEIRA JÚNIOR, 2009; SANTOS, 2009; BARBOSA, 2010; LINS; LINS, 2010; SILVA, 2010; LINS; SACRAMENTO, 2011; NASCIMENTO, 2011; MANOEL, 2012). (PEREIRA, BARROS, 2014, p. 83)

As pesquisas apontam uma unicidade sobre como as personagens femininas são retratadas nos cordéis produzidos no período entre 1987-2012. Apesar de os estudos não terem sido limitados a apenas à autoria masculina, em 25 anos, a construção das personagens femininas se manteve sem grandes alterações, sendo moldadas a um papel muito antes pré-estabelecido, tecido por narrativas, em sua maioria com ideais machistas, amalgamado não apenas nos versos, mas também nas xilogravuras que compunham os cordéis, como veremos mais adiante neste trabalho.

Além do papel de submissas e estarem sempre representadas dentro do ambiente doméstico, a mulher também ganha contornos romantizados, com características generalistas que sempre estiveram associadas à sua imagem. Encontramos esse tipo de representatividade feminina, por exemplo, no cordel de Armando Fernandes da Costa, de 2010, cujo tema é “mulher”. O autor escreve sobre as mulheres em uma perspectiva romântica:

(...)
   
Para tudo a mulher tem um jeitinho,
   
É ela que conduz à harmonia,
   
É rainha do lar e professora,

Sempre tem educação, simpatia,  
 Uma amante da paz, é caprichosa,  
 No império do homem é alegria.  
 (COSTA, FERNANDES, 2010) <sup>2</sup>

Observa-se que no último verso, o autor constrói a imagem do poder masculino, sedimentada na palavra “império”, sendo assim, no império do homem, a mulher tem o papel de prover a alegria e propiciar sentimentos ligados à “harmonia”, “paz”, “simpatia” e “pureza”. Essa forma de compor os personagens femininos, nos permite visualizar a descaracterização humana atribuída às mulheres, isto é, são desprovidas da totalidade da subjetividade.

Na formação de uma bela família,  
 O pai é homem certo e honrado,  
 A mãe, mulher calma e companheira,  
 Os filhos se surgirem são tocados  
 Do puro amor sincero e divino,  
 Pela mão do Senhor abençoado.  
 (COSTA, FERNANDES, 2010)

Além de impossibilitar a totalidade da subjetividade humana na construção de sua personagem, o autor aborda o tema da maternidade de forma romantizada e superficial, recorrendo às imagens exaustivamente utilizadas na literatura:

Eu me sinto até emocionado  
 Falando nas mães e do seu valor,  
 Exemplo de carinho e proteção,  
 Qual felina, expõe seu destemor,  
 Faz tudo pra ver o filho feliz,  
 Mãe autêntica é prova de amor.  
 (COSTA, FERNANDES, 2010)

Pode-se perceber que o cordel de Armando Fernandes da Costa não se desvencilhou da representação tradicional da mulher, limitando-se a estereótipos já abordados na arte e literatura. Mesmo a mulher sendo protagonista do cordel, é limitada à paisagem do doméstico, no papel de provedora do lar, servidora dos homens e dos filhos, homogeneizada e privada de individualidade.

### **3.1 A mulher no Cordel em 2020: o que mudou em dez anos?**

A produção de cordel contemporâneo de autoria feminina, como já discutido neste trabalho, têm uma abordagem abrangente de temáticas e personagens. Mas o âmago desses cordéis é a possibilidade. A liberdade de construir sons, imagens, incluindo valores e experiências. Contar a

---

<sup>2</sup> O cordel “Mulher” só pode ser acessado de forma on-line, através do endereço: <https://www.projetocordel.com.br/novo/mulher.php>, por esta razão, não há indicação da paginação.

história dos silenciados, autobiografar a vida em cordel ou seguir a tradição, usando as temáticas exaustivamente utilizadas. As escolhas e arranjos são infinitos. Mas se por um lado, o pioneirismo dessas autoras surge da necessidade de expressar sua subjetividade e a realidade vivida, qual seria então o ímpeto que propulsiona os cordelistas homens a criar uma narrativa que rompe com a tradição?

Talvez a melhor resposta para essa pergunta seja: a capacidade de acompanhar as mudanças da sociedade. Um dos papéis do cordel sempre foi acompanhar as revoluções do mundo, suas transformações, informar aos seus leitores uma nova realidade e um olhar atento às transformações sociais. O cordel nunca foi e nunca será suspenso no tempo, mas sim inserido no tempo e com a capacidade irreduzível de transformá-lo.

No cordel intitulado “O cordel da mulher” de Gustavo Dourado constrói a imagem da mulher trazendo elementos da natureza, a fertilidade, enfatizando a sua capacidade de gerar vida, e trazendo referências que remetem à divindade:

Mil flores às mulheres  
 Por tudo o que elas são  
 A Mulher é Natureza  
 É a beleza em ação  
 A Eternidade é Mulher  
 Num infinito coração  
 (DOURADO, 2020) <sup>3</sup>

A estrofe acima é a última desse cordel e inicia com a imagem das flores, “mil flores às mulheres”. No imaginário romântico, a flor tem o simbolismo do amor. Presentear uma mulher com flores é um costume usado até os dias de hoje.

Em datas especiais, as mulheres recebem flores. Entretanto, esse ato pode ser mal visto, pois há muitas feministas que repelem esse tipo de tradição, principalmente no “Dia Internacional da Mulher, 08 de março”, pois as mulheres ainda têm que discutir e lutar por direitos básicos. Nos versos seguintes, o autor vincula a imagem da mulher à “beleza”, “eternidade” e “coração”, elementos românticos e com características do divino. O autor não desassocia da imagem tradicional da mulher nesse caso, mas, ao contrário do cordel de Armando Fernandes da Costa, em que a mulher é terrena, circula no espaço doméstico e gira em torno do homem e dos filhos, no cordel de Gustavo Dourado, a mulher é um ser divino, fonte de toda a criação do universo.

---

<sup>3</sup> O cordel “O Cordel da Mulher” só pode ser acessado de forma on-line, através do endereço: <https://www.xapuri.info/>, por esta razão, não há indicação da paginação.

#### **4 - Olhar sobre a representatividade feminina no cordel: por que é importante?**

Neste capítulo, será discutido sobre a minha experiência de estágio obrigatório para a obtenção do grau de licenciatura em Português /Literaturas pela Faculdade de Letras da UFRJ. O estágio foi realizado no período noturno, com a turma do Proeja, no colégio Pedro II, unidade Realengo, Rio de Janeiro. Ao primeiro olhar, pode-se pensar que este capítulo não se relaciona com os demais. Mas, com uma postura reflexiva sobre o assunto aqui tratado, pode-se afirmar que todas estas discussões já tratadas estão encadeadas.

Isso porque a formação escolar não está dissociada da sociedade, a produção cultural, política e discussões sociais. Pelo contrário, como afirma Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia*, no capítulo Ensinar exige apreensão da realidade: “Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar”. (Freire, 1996). Ensinar é estar inserido no mundo do educando, apreender a realidade, refletir sobre ela para depois mudá-la.

As discussões propostas por Paulo Freire foram utilizadas para nortear a pesquisa sobre o tema da aula prática. Os alunos eram em sua maioria mulheres adultas, e algumas eram oriundas de cidades do norte e nordeste do Brasil, por esta razão, o tema do cordel foi escolhido.

Sob a perspectiva didática, o cordel permite uma leitura fluida em razão da sua estrutura rítmica e vocabulário que se propõe a se aproximar, por meio da escrita, de um texto oral. Ainda, as suas temáticas (a trajetória do herói, os cenários etc.) são terrenos fecundos para discussões e questionamentos. Na aula proposta, o objetivo principal foi uma leitura crítica e comparativa sobre a posição da mulher na literatura, mais especificamente no cordel, enquanto personagem secundária. Através da comparação do cordel “Mulher”, escrito por Armando Fernandes da Costa e “Maria Firmina dos Reis” de Jarid Arraes procurou-se retomar o Romantismo, enquanto movimento literário, tema abordado em aulas posteriores. Além disso, apresentou-se a diferença entre a representação da mulher, numa visão masculina, e a representação da mulher na perspectiva feminina (quando autora).

Ainda, sob um ponto de vista do foco narrativo, foi feita outra comparação, entre o cordel “Maria Firmina dos Reis” e um trecho da introdução de “*Úrsula*”, a fim de enfatizar a relação entre ser personagem e autor da própria história.

Sob uma concepção teórica, a partir da análise de Gérard Langlade, de que o texto literário apenas existe a partir do momento em que o leitor “lhe empresta elementos do seu universo pessoal” (Langlade, 2013, p.33), abre-se espaço, por meio da temática e olhar crítico sobre a representação feminina, para que os discentes (em sua maioria mulheres) passem pelo processo de identificação

(provocada pelo conhecimento de mundo e experiência de vida), preenchendo as lacunas do texto literário, fazendo-o “existir”.

Além disso, após o reconhecimento e a leitura crítica do material, o objetivo foi transformar o discente em autor. Ou seja, a estratégia foi utilizada para demonstrar para os discentes que eles não são apenas leitores passivos, mas ativos no processo de leitura, podendo refletir criticamente sobre o que leram e a partir disso serem autores de suas próprias ideias e histórias.

Para os discentes, a escolha foi motivada em razão de a maioria do público ser feminino, e através da representação feminina, busca-se o reconhecimento e engajamento com o tema da aula. Além disso ao trazer para sala de aula do Proeja uma literatura que privilegia um registro escrito da oralidade possibilita uma maior aproximação dos alunos com o material selecionado.

Com isso, o objetivo era impulsionar um processo de identificação, que especialmente as alunas mulheres reconhecessem nas personagens uma trajetória que, de algum modo, se assemelha às suas. Esse reconhecimento podendo se tornar um catalisador e incentivo à ocupação de espaços que sempre foram ocupados majoritariamente por homens.

Após a leitura dos textos e das discussões fomentadas oriunda deles, foram propostos alguns exercícios, dentre eles um tinha o objetivo de incitar a autoria dos alunos, conforme abaixo:

“O livro *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, de Jarid Arraes, retrata a vida de importantes artistas que foram apagadas da história da arte brasileira por serem mulheres e negras. Escreva um parágrafo narrando para a escritora Jarid Arraes a história de uma mulher que foi/é uma heroína para você. O seu texto será enviado para a autora do livro por e-mail.”

Além de fomentar a autoria dos alunos, o objetivo da questão era trazer o conceito heroico para a realidade concreta e palpável, para que fosse possível associar figuras conhecidas pelos alunos ao ato de heroísmo, já que esse também é o objetivo do livro de Arraes.

As respostas para essa questão foram plurais, assim como os alunos, como esperado. Porém, o objetivo de causar o reconhecimento nos alunos foi atingido, já que a maioria das alunas refletiram sobre quem eram essas figuras femininas heroicas presentes em sua trajetória, nomeando-as, num ato autoral. Algumas alunas passaram por um processo de autorreconhecimento, passando a ver a si mesmas como heroínas, como explicitado no texto abaixo, seguida de transcrição. O nome da aluna será ocultado para preservação da sua identidade:

4. O livro "Heroínas Negras", de Jarid Arraes, retrata a vida de importantes artistas que foram apagadas da história da arte brasileira por serem mulheres e negras. Escreva um parágrafo narrando para a escritora Jarid Arraes, a história de uma mulher que foi/é uma heroína para você. O seu texto será enviado para autora do livro por e-mail.

Ao me deparar com esta história vejo-me que POSSO ir mais longe, por que tem muito a ver comigo, quando eu morava na roça e chegava do trabalho, muito cansada e não tinha como estudar mesmo assim não desisti e hoje eu estou bem perto de dar um passo à frente isso é incrível. Porque nunca é tarde para, vencer este trabalho por que um dia pode ser visto para o mundo inteiro!

Texto 4 Quem

“Ao me deparar com esta história, vejo que posso ir mais longe, porque tem muito a ver comigo, quando eu morava na roça e chegava do trabalho muito cansada e não tinha como estudar. Mesmo assim não desisti e hoje eu também estou perto de dar um passo à frente. Isso é incrível. Nunca é tarde para vencer este trabalho, porque um dia pode ser visto pelo mundo inteiro!”

Ao observar atentamente a escrita desta aluna, vemos o quanto o tema tratado na aula foi importante no processo de reflexão da sua própria trajetória de vida. Vemos pelo conteúdo do texto acima, que a aluna se reconhece como heroína e termina o texto almejando novas possibilidades no futuro.

De acordo com Paulo Freire, em *Pedagogia da autonomia*, “O mundo não é. O mundo está sendo” (Freire, 1996, p.39). Com esse apontamento, podemos inferir que o mundo, assim como o tempo verbal do verbo ser no gerúndio nos informa, está em processo de se tornar.

O mundo não é palpável e está em constante mudanças e o papel de nós educadores é expressar a importância da história dos discentes, suscitar reflexões críticas através do conhecimento e a partir disso, criar caminhos para que os discentes tracem por si mesmos, tendo a consciência que o mundo (o seu mundo) é repleto de possibilidades.

## Conclusão

Neste trabalho, foi discutida a representação da mulher no cordel, sua posição e espaços ocupados no imaginário tradicional e contemporâneo. Além disso, foi analisado cordéis de autoria feminina e masculina, num comparativo sobre qual lugar essas personagens ocupam nos cordéis e se haveria diferença na forma de criação e apresentação das personagens femininas nestas narrativas. Essa análise permite a reflexão sobre a produção de cordel contemporâneo, principalmente o de autoria feminina e em quais lugares estes escritos circulam.

Durante o trabalho, foi apresentado que ainda há resistência de cordelistas tradicionais em abrir espaço para cordéis contemporâneos, incluindo os de autoria feminina, que em sua maioria, buscam abordar novas temáticas, perspectivas e pautas relevantes de assuntos discutidos na sociedade como o feminismo, o racismo e a luta contra a LGBTQI+fobia.

No que se refere aos cordéis de autoria feminina, vimos que além de utilizarem as temáticas citadas acima, há a mudança de perspectiva, já que nos cordéis analisados as personagens femininas são protagonistas da própria história, agentes da ação e não estão em uma posição passiva e romantizada, como ocorre nos cordéis de autoria masculina.

Também foi discutido no trabalho o porquê essa representação feminina no cordel contemporâneo é importante, assim como abordar esse tipo de literatura na sala de aula pode ser catalizador da criticidade e a visibilidade de que as mulheres podem e devem ocupar todos os setores da sociedade, seja dentro de um contexto intelectual, na produção de arte e literatura ou não.

Sob o ponto de vista de Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia* faz parte do processo de ensinar mostrar caminhos, através do conhecimento, que levam à autonomia, pensamento crítico e consciência do processo de constante mudança que está o mundo e, como seres inseridos no mundo, somos inacabados.

Por sermos inacabados e estarmos sempre à procura de nos tornarmos, o conhecimento é capaz de forjar um caminho que mostra a possibilidade da vida, já que nada é imutável. As funções que desempenhamos na sociedade, nosso trabalho, lugar onde nascemos, todos esses fatores podem ser modificados.

O trabalho do professor, segundo Freire, é mostrar que a mudança é possível, compartilhando conhecimentos, nunca descartando a história e experiência de vida dos alunos. A troca de experiências transforma o aprendizado em uma via de mão dupla, onde se ensina e se aprende, num círculo contínuo, já que para ensinar é preciso o discente existir.

A partir da discussão de Freire, a escolha do tema a ser abordado, assim como a proposta das atividades utilizadas em sala de aula, mostrou o quanto é importante a representatividade plural de

mulheres na literatura e o quanto essas produções são catalisadoras de análise crítica não apenas sobre a literatura lida e estudada na aula, mas ultrapassando a barreira da literatura e atuando diretamente na percepção de si mesmo e da sua própria trajetória de vida.

O exemplo da aluna incluído neste trabalho deixa claro o quanto nós, professores, devemos olhar atentamente para nossos alunos, considerar suas experiências e motivá-los a ter consciência de que a palavra vida é sinônimo de possibilidade.



## Referências bibliográficas

- ARRAES, Jarid. *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*. São Paulo: Pólen, 2017.
- BARROS, Miguel Pereira. *O masculino e feminino na literatura de cordel publicada em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 188 f. 2014.
- CATUNDA, Dalinha. *Cordel de Saia*. Disponível em <http://www.cordeldesaia.blogspot.com/>. Acesso em 06/04/2021.
- COSTA, Armando F. *Mulher*. Disponível em <https://www.projetocordel.com.br/novo/mulher.php>. Acesso em 25/11/2019.
- DOURADO, Gustavo. *Cordel da mulher*. Disponível em <https://www.xapuri.info/>. Acesso em 16/05/2021.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HAURÉLIO, Marco. *Breve história da literatura de cordel*. São Paulo: Claridade, 2010.
- LANGLADE, Gérard. O sujeito leitor, autor da singularidade da obra. In: \_\_\_\_\_. *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013. p.25-37
- MELO, Miriam Carla Batista de Aragão de. *“Cordel de Saia”: autoria feminina no cordel contemporâneo*. Dissertação (Pós-Graduação em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 126 f. 2016.
- QUEIROZ, Doralice Alves de. *Mulheres cordelistas: percepções do universo feminino na literatura de cordel*. 2006. Dissertação (Mestrado Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2006. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ALDR-6WEK7J>. Acesso em 07/06/2021.
- REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SANTOS, Fanka. *Leituras – Fanka Santos – Bloco 1*, TV Senado, Youtube, 01/08/2011, 7m:59s, (Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=vT\\_HkHOnARA](https://www.youtube.com/watch?v=vT_HkHOnARA)), Acesso em 15/08/2021.
- SANTOS, Francisca Pereira dos. O livro delas: autoria feminina no cordel, cantoria e gravura. *Interdisciplinar – Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 33, p. 218-230, 2020.
- TABAJARA, Auritha. *Coração na aldeia, pés no mundo*. São Paulo: UK’A Editorial, 2018.